

À luz da Epifania

Maria Cristina Ogier



*A Enrico e Gina Ogier
para que o perfume
e a luz que difunde
Maria Cristina,
para o bem de tantos,
sejam doce consolação
para o seu coração.*

11 de Janeiro de 1974

Que acontece hoje na Praça de S. Lourenço?

É um dia azul, cheio de sol e de gente. Gente de todas as condições sociais que entra na famosa Basílica.

Ao centro, debaixo da cúpula, está um féretro.

No caixão uma almofada de flores brancas com uma escrita « O papá e a mamã ».

A grande Igreja enche-se rapidamente, como num encontro espontâneo.

São três da tarde.

Dez sacerdotes chegam ao altar e começa a Santa Missa: ...

« Ouve, Senhor, as orações da tua Igreja pela nossa irmã Maria Cristina; a fé verdadeira associou-a ao povo dos crentes; que a tua misericórdia a una à assembleia dos santos na demora de luz e de paz ».

Três sacerdotes distribuem a comunhão à imensa multidão.

O celebrante principal, antes de abençoar o corpo, começa a falar com um tom comovido: « Há um grande silêncio neste momento, mas é um silêncio cheio de uma Presença, a Presença de Cristo dentro de nós. Esta é uma liturgia que não estava prevista, e não vi, como sempre, aproximar-se da comunhão junto da mãe a Maria Cristina.

Mas, na presença de Cristo, ela está presente e deixa-nos a sua recordação que tomo do último colóquio, no último dia que vivemos juntos, na antevéspera da sua morte.

É uma interrogação: « Que quereirá de mim o Senhor? ». Uma pergunta à qual ela tinha respondido.

Era fácil para mim dizer « que coisa queres que Ele queira? Deste-lhe tudo, fizeste-lhe tanto.

Um barco tem o teu nome e sulca o Amazonas e o teu nome está escrito nos novos bancos da igreja.

Sim, realmente são os frutos de tua caridade sem limites ». A sua doação incessante era completa.

À luz da Epifania, o seu testemunho recordá-lo-emos seguindo os Magos, a levar ao Menino Jesus, como eles, o ouro da sua candura, o incenso da sua oração, a mirra do seu longo martírio.

Dizemos-lhe « obrigado » por este presente que ela deu ao Senhor e a nós; aos seus pais que a prepararam e seguiram, e acolhemos a sua pergunta como um testemunho que deixa ao nosso coração: « Que quererá de mim o Senhor », como um convite, que nela já teve uma resposta e que espera a resposta de cada um de nós ».

Para quem a conheceu, para quem se aproximou dela, tentamos um pequeno esboço que a recorde; para quem não a conheceu é um convite a reflectir.

É uma proposta para todos.

« Se o grão de trigo não morre... não dá o seu fruto ».

Nos dias da morte de Maria Cristina muitas vezes me veio à memória este versículo do Evangelho.

Parceia desabrochar uma primavera em tantos corações.

« Que quererá de mim o Senhor? »...

* * *

Tenho na mão o seu pequeno diário, pequeno de volume e com poucas páginas escritas.

Tem algumas fotografias: a dos pais, uma outra com eles e com o « seu » Don Setti, uma do « seu » missionário P. Pio Conti, e duas suas na veste branca de dama da UNITALSI junto de um docente, em Lurdes.

São a síntese de sua vida: dezoito anos completos, oferecidos, imolados.

Maria Cristina nasceu em Florença a 9 de Março de 1955.

Era uma bela rapariga viva e inteligente, rodeada do amor dos seus pais: Enrico, médico, obstetra, genicólogo e Gina Matteoni, que se tinham casado em Roma a 30 de Abril de 1951.

Tinha sido tão esperada e desejada e acabaria por ser a única

filha, apesar da vontade dos pais de poder ter outros filhos, que nunca viria a ser realizada.

A pequena Cristina viveu os anos da sua infância juntamente com o avô paterno, o advogado Alfonso, com a sua mulher, que morreu na Epifania de 1956 e com a irmã do advogado, a « tia Bianca ».

Uma casa que vivia do sorriso desta criança aberta e boa.

No verão de 1959, depois de um pequeno distúrbio de febre, comum a todas as crianças, Maria Cristina começou a arrastar o pé direito quando caminhava.

Passaram-se dias de angústia, e a pequena foi vista por tantos médicos.

O espectro de um grande drama desenhava-se no horizonte.

O diagnóstico era inexorável e terrível: um tumor no cérebro.

A 3 Junho de 1960, em Estocolmo, onde a tinha levado, o Prof. Olivecrona tentou uma intervenção de extracção de líquido.

Que teria acontecido?

Tudo era possível.

Em casa Ogier tinha-se apagado o sol.

Apesar da sua tenra idade, pensou-se em preparar Maria

Cristina para a Comunhão.

O Pároco, que será depois durante toda a sua vida o « seu » sacerdote Don Setti, começou pessoalmente a preparação, com colóquios adaptados à mentalidade e à inteligência de Maria Cristina, que assimilava com desenvoltura as palavras e reflexões que a conduziram, a 30 de Abril de 1961, na capela das Irmãs inglesas de Santa Reparata, ao seu primeiro encontro com Jesus.

Foi ela própria que nestra ocasião não quis nada para si, mas quis que cada presente fosse dado a quem precisava mais.

Uma carta da Madre Soligo, fundadora das Irmãs Apóstolas da Consolata, recorda este gesto:

Querida pequena Cristina:

Como sabes, quinta-feira passada, 4 de Maio, o Rev. Don Setti organizou na sua Paróquia uma jornada a favor das nossas peque-

nas assistidas. Sabemos que fizeste uma oferta especial para as nossas pequenas dando tudo aquilo que te tinham dado no santo dia da tua Primeira Comunhão.

Foi um gesto muito bonito o que tu fizeste, porque pensa que o próprio Jesus disse um dia apontando as criancinhas pobres: « Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos é a mim que o fazeis ».

Por isso, o teu presente foi dado ao próprio Jesus; por isso, abençoar-te-á por este teu amável e generoso pensamento. Ele próprio mostrou já uma especial predilecção por ti querendo vir tão cedo ao teu coração, e certamente estar-te-á vizinho e quererá abençoar-te de modo especial, mandando-te todas aquelas graças de que tens necessidade.

Continua sempre perto de Jesus, recebe-o frequentemente no teu coração, reza-lhe tanto pela tua mãe, pelo teu pai, para que os assista em cada momento das suas vidas, na alegria e na dor concedendo-te a ti sobre tudo tantas graças e tantas bênçãos, pois se tu cresceres sã, boa e com boa vontade, também os teus pais serão muito felizes; por isso, dirige-te frequentemente a Ele e tem muita fé! O teu gesto generoso, a tua solicitude por quem já não tem mãe, encontrará certamente lugar no coração de Jesus, que ouvirá sem divida os teus pedidos.

Entretanto as tuas pequenas beneficiadas agradecerem-te e rezam ao bom Jesus par aque te abençoe tanto, juntamente com os teus queridos pais.

Também a Madre te deseje felicidades, mandando aos teus e a ti os mais fervorosos agradecimentos. Com os melhores cumprimentos, a Directora Maria Quintilla Soligo ».

Depois da primeira Comunhão, feita em privado na capela das Sisters, Don Setti pensou que seria bom inserir também Maria Cristina na cerimónia da primeira Comunhão da paróquia.

No mês de Maio a pequena frequentava com outras crianças o curso de preparação e, como em certas circunstâncias se costuma fazer, convidaram os pequenos a escreverem os seus propósitos ou uma cartinha aos Pais.

Encontrou-se esta página de caderno com quatro linhas es-

critas a lápis pela pequena. « Queridos Pais, antes de mais prometo-lhes ser boa e obediente. Maria ».

Por detrás um comentário escrito então, por Don Setti que, passado tempo, se mostra como uma intuição profética.

« Deixei as palavras que pensou e que escreveu, tão cheias de comovente simplicidade.

Que a vida conserve mediante a vossa obra insubstituível, aquilo que a Graça realizou admiravelmente nela! ».

* * *

É deste período um sonho estranho que a pequena contou a Don Setti e à mãe.

Parecia-lhe que tinha entrado na Igreja de S. Joãozinho. O grande Crucifixo como que se tinha animado e falava-lhe: « Querres tirar-me os pregos, a coroa de espinhos e a cruz? ».

A pequena tinha feito tudo imediatamente, e depois, segundo a sua narração, agarrou na mão de Jesus e levou-O a casa. « Até lhe dei o pijama, porque estava nu e Ele disse-me: « Agora vai, estás curada ».

A história, ingenua e fresca para uma criança não habituada a fantasiar, comoveu o sacerdote que recomendou à mãe: « Escrava. Poderá ser importante ».

A mãe não precisava de escrever para se lembrar...

Em Setembro de 1961, Cristina foi pela primeira vez a Lurdes com Don Setti, os pais e um grupo de peregrinos da Pro Civitate Cristiana.

Estava calma e parecia realmente curada.

O Prof. Olivecrona tinha no seu diagnóstico previsto um período, ainda que breve, infelizmente, de aparente bem-estar.

Entretanto a família muda-se da rua Bonifazio Lupi para a rua Fossumbroni; mas se a casa mudou ela continuará fiel à sua Igreja, ao seu sacerdote, à sua escola.

Começa, de facto, por uma especial concessão, com uma certa antecedência, a escola primária nas Sisters de Santa Reparata. Impressiona a sua preocupação de saudar Jesus na Capela das Irmãs, todas as manhãs, antes das aulas. Participa com entusiasmo na vida da escola e mostra-se generosa e aberta com as

amigas, com as notas características de um temperamento tenaz e volitivo, misturado com tanta doçura e sempre sorridente.

Eis o testemunho da sua professora Mara Cappelli:

« Conheci a Maria Cristina quando com seis anos começou a sua vida escolar e já então o seu coração vibrava de amor por Deus e pelo próximo.

Incapaz de inveja, ciúme, rancor, também na escola estava sempre pronta a alegrar-se e a sofrer com os outros, a dar uma mão, compreender e desculpar, ela, que mais do que os outros, tinha necessidade de ser ajudada, compreendida e desculpada.

Estudou com tenacidade e honestidade, sem querer indulgência, consciente do dever que tinha de entregar-se com todas as suas forças; estudou para um enriquecimento de si mesma, mas sobretudo em função do bem que queria um dia prodigar em favor dos que sofrem, dos mais abandonados, dos mais pobres, depois de ter conseguido a licenciatura em medicina.

No seu esforço em tornar-se sempre mais agradável a Deus tinha procurado também emendar-se das suas poucas e pequenas misérias humanas: alguns aspectos negativos do carácter de que a vida, com as provas que lhe tinha reservado, era em parte res-ponsável.

Maria Cristina era, no fundo, uma criatura como as outras. Como os seus coetâneos amava a vida, as amizades, o desporto e tudo quanto de belo a vida pudesse oferecer. Mas manteve sempre acesa em si a luz da graça e trabalhou tenazmente para o Senhor como só excepcionalmente se faz quando se é tão pequeno ».

Em 1962 descobre as Viagens a Lurdes com a Unitalsi, que se tornará para ela um motivo profundo de entusiasmo e de doação.

Será orgulhosa, um dia, de poder usar o vestido branco das damas, será a mais jovem da secção florentina e creio, sem dúvida, a mais generosa.

O breve período que tinha gerado esperanças e ilusões passou infelizmente depressa.

Uma manhã, Maria Cristina chamou a mãe à parte: « Sonhei outra vez com Jesus e pedi-me que tomasse com Ele a cruz e os pregos para salvar o mundo ».

A mãe, comovida, mas amedrontada, perguntou-lhe tremendo: « Mas tu que lhe respondeste? ».

Com um sorriso muito doce, a menina respondeu: « Disse-lhe que sim! Se tu tivesses visto o Seu rosto, ter-lhe-ias dito também que sim ».

Pouco depois a menina começou de novo a arrastar o pé e era obrigada a andar coxeando ligeiramente deixando para trás a perna direita.

O drama começou em 1960 continuava.

A mãe torna-se cada dia mais a amiga, a confidente, a sombra, o apoio da filha, alternando momentos de grande esperança com momentos de desolado abandono: « Porquê? Porquê? ».

O pai tantas vezes abanava a cabeça e não tinha ilusões. Era claro para ele, infelizmente, o quadro desolador e mergulhava com generoso empenho na sua profissão.

Quantas súplicas, quantas invocações, quantas implorações, Pode-se dizer que a mãe escavacou as portas do céu: « A minha pequena, Senhor, minha Nossa Senhora salvai-a! ».

Maria Cristina deixava-se levar de um santuário a outro. Porém, não me consta que tenha alguma vez rezado por si: « Há tantos que sofrem muito mais do que eu e que são também pobres, a mim não me falta nada ».

Na manhã em que morreu, em Roma, na gruta das três Fontes, à mãe que a observava a rezar com as mãos postas e a ouvia dizer: « Senhora, salvai-nos! » e lhe perguntava: « Maria Cristina, pediste a Nossa Senhora que te cure? ».

« Não, mãe, rezei pela salvação do mundo ».

Muitas vezes visitou Padre Pio, e foi ainda com Don Setti visitá-lo no dia em que morreu.

Mostrou-se muito solícita em responder à iniciativa dos Grupos de oração e ao seu florescimento em S. Joãozinho, num primeiro momento e, em S. Lourenço, mais tarde.

Todos se lembram, durante o Ofertório, da rapariguinha que passava o cesto para recolher as ofertas e a sua colaboração nos primeiros Encontros quer no Palácio dos Congressos quer em Santa Cruz.

No entusiasmo que tinha como centro S. Joãozinho, para

as marchas da Fé, também ela participou três vezes, com o sacrifício que podemos imaginar.

* * *

O curso secundário marca na vida espiritual de Maria Cristina o período de um autêntico crescimento.

A pregação e a vida de Don Setti incidem profundamente na sua alma.

Começa neste período o gosto pela Comunhão quotidiana.

« Jesus vivo, Jesus verdadeiro! ».

Saindo da escola, juntava-se ao grupo dos variados jovens que, perto da hora do almoço, pediam a comunhão a Don Setti.

Poucos dias antes de morrer, à noitinha, pede a Don Setti: « Dá-me a comunhão, por favor? ».

O sacerdote tem muita gente à espera e diz: « Vou já ». Maria Cristina volta a insistir: « Pode vir? » E ele responde: « Um momento ». Ao novo pedido Don Setti responde: « Por favor, Maria Cristina, hoje faz a tua Comunhão espiritual ».

A resposta é fulminante: « E é o Senhor que me diz isso? Não me ensinou assim ». Não havia nada a fazer, abrir as várias portas, meter a sobrepele, a estola e...

Em Novembro de 1966, a terrível inundação que caiu sobre Florença, atingiu também a família Ogier na Rua Fossonbroni e Maria Cristina tremia com a mãe pelo pai que estava no hospital em serviço.

Sempre desta época é o seu inserimento na Comunidade Juvenil.

À volta de Don Setti tinha-se formado desde há algum tempo um grupo de jovens que actuavam nos mais diversos campos da caridade: as missões, os hospitais, as prisões, Casa Esperança, as famílias.

Tinha reuniões várias vezes por semana para um compromisso de formação espiritual, de aprofundamento bíblico-teológico e todos os meses toda a Comunidade se reunia no retiro mensal.

Maria Cristina encontrou na Comunidade o desenvolvimento das suas exigências de doação.

Começou tomando parte na actividade do Grupo dos hospitalais. Ia com a mãe ajudar a dar de comer aos velhinhos de Vila Glicínia, depois de ter feito os trabalhos da escola.

O tempo livre era para ela motivo de doação.

Não existia para ela relax ou repouso.

A admiração e fascínio de um jovem generosamente empenhado no Grupo Missionário tocou o seu coração e parecia que tivesse por ele uma viva simpatia, um verdadeiro amor.

Tinha catorze anos e o coração bem podia ter as suas razões!

Assim se podia pensar de facto, se uma página do seu pequeno diário não revelasse juntamente com esta delicadeza, a motivação profunda que a animava.

Há um pensamento que data de Junho de 1969 e um apontamento cheio de significado.

« Ó... amo-te, mas sei, é um amor inútil, um afecto que não tem sentido, mas eu amo-te, e o amor não se doma, as paixões do coração, ainda que inúteis, não se podem afastar.

Fazes-me sofrer e tu não tens a mais pequena culpa, é só culpa minha, eu sei, eu reconheço, mas não a posso travar.

Deus me ajude a esquecer-te » e continua com coligrafa mais madura:

« Amei-te porque me ensinaste a amá-Lo, mas agora amo só e unicamente a Ele ».

... foi para ela um guia em direcção ao Senhor, através da simpatia e da admiração que nela tinha suscitado.

Por este motivo, do Grupo dos hospitalais passou também para o Grupo Missionário que abria ao seu coração horizontes ainda mais vastos.

* * *

O horizonte abriu-se de modo excepcional com uma realização que tomou uma boa parte da sua breve existência.

Um jovem médico, que se tornou capuchinho e sacerdote, o P. Pio Conti, encontrar-se-á em Florença para se aperfeiçoar no campo da obstetrícia como aluno do pai.

Um cândido religioso, cheio de fé e entusiasmo, tímido e generoso, que encontrou na exuberância e na tenacidade de Maria

Cristina, a irmã que tomou a peito a sua missão na Amazônia. Uma missão difícil num território vastíssimo que se estende por mais de 500 Km ao longo do rio Amazonas.

Não há estradas, nem comboios, nem aeroportos, nesta imensa floresta do Amazonas.

O único meio de comunicação é o grande rio que os índios percorrem com as canoas.

Doentes, feridos são transportados com este meio primitivo por dezenas de quilómetros até ao pequeno hospital dos Missionários. « Mas muitos, diz o P. Pio Conti, morrem nesta longa viagem. Era preciso um barco preparado para o pronto-socorro ». « É preciso procurar o dinheiro para comprar um barco ».

A coisa parecia irrealizável, louca, mas a caridade de Maria Cristina encontra aí o seu campo de expansão.

Na Comunidade Juvenil tinha sempre dado.

Para um doente do C.T.O. que precisava de um ambiente para o qual os jovens se tinham esforçado tanto, o fundo principal era sempre o de Maria Cristina.

Nunca tinha pedido ou desejado para si nada e mesmo quando lhe davam alguma coisa, desaparecia imediatamente nas necessidades contínuas dos vários grupos.

Na rua, não havia pobre que não encontrasse nela uma resposta imediata.

É fácil imaginar como o barco a tivesse entusiasmado e a cultivasse.

Cartas, telefonemas, tudo era de tentar.

É surpreendente e excepcional pensar como conseguiu escrever tantas cartas!

E não era só o escrever para o barco; eram os doentes encontrados nos vários comboios de Lurdes e de Loreto, e convém não esquecer o trabalho que tinha em escrever depois de um dia de estudo!

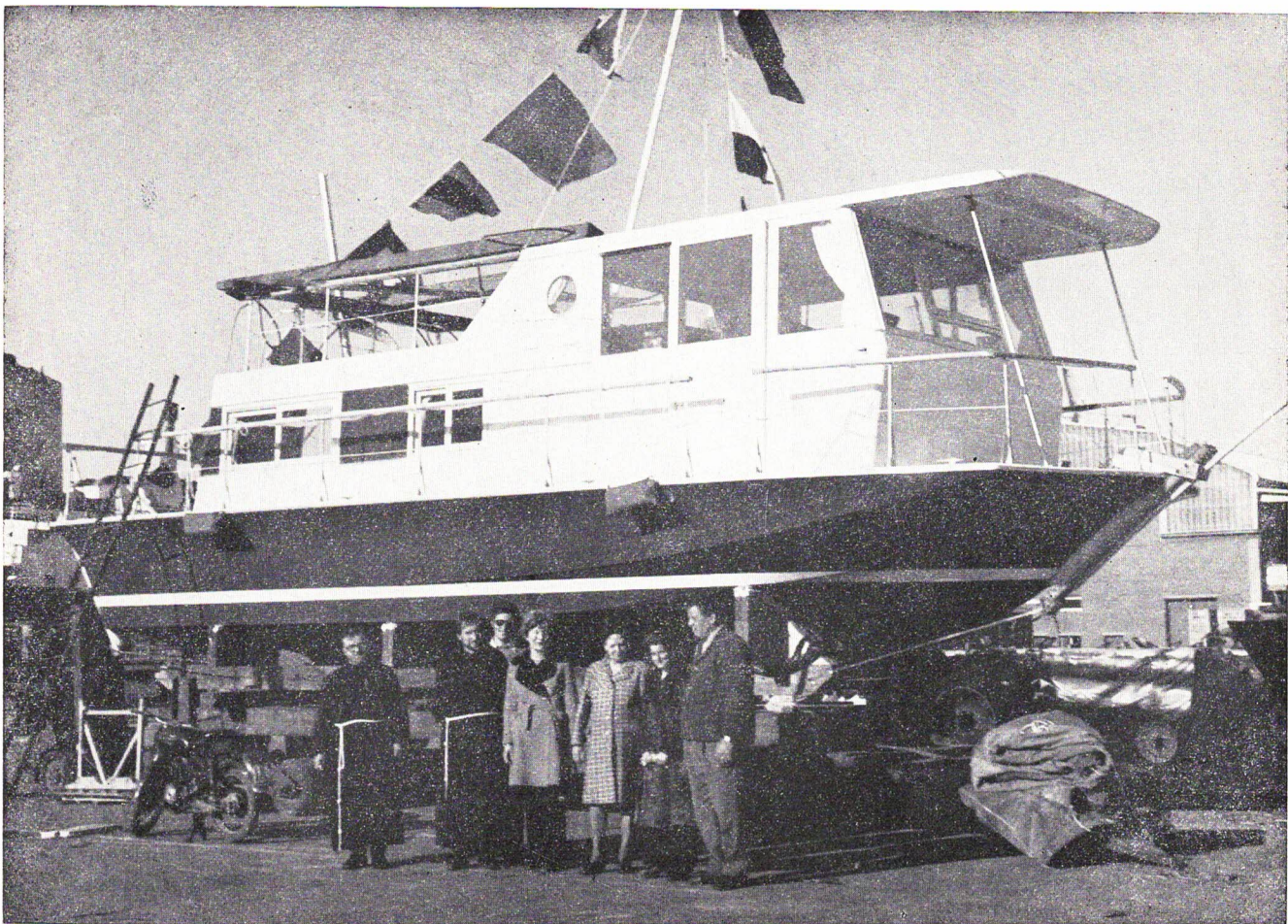
Transcrevo uma carta entre as tantas que mandou.

« Aquilo que estou para te pedir não é fácil de explicar e e nem se pode explicar em duas palavras; desculpa, portanto, se me alongo um bocado.

Há cerca de dois anos, conheci um padre missionário, médico



A Primeira Comunhão - 30 de Abril de 1961



A sua obra-prima

na Amazónia, terra nada acolhedora e com um clima extraordinariamente quente e húmido. A sua missão situa-se precisamente nas margens do Amazonas.

Eu conheci-o porque durante um certo tempo, voltando a Itália, frequentou a Clínica onde trabalha o Papá, para praticar obstetricia, uma vez que lá muitas mulheres morrem de parto, e muitas vezes ficou conosco.

Ele agora precisa de um barco forte e sólido para tratar as pessoas ao longo do rio, única via transitável e no coração da floresta, entre as cabanas perdidas dos índios.

Eu, com outras senhoras que tiveram ocasião de o conhecer, e com Don Setti, nosso ex-pároco, mas a quem continuámos afeiçoados, procuro atingir a soma que anda à volta de 10 milhões de liras.

Se Jesus disse: « Pedi e dar-se-vos-á: procurai e encontrareis: batei e abrir-se-vos-á » também eu peço, também eu procuro, também eu bato segura de que serei escutada porque peço, procuro, bato para fazer bem ao meu irmão a quem, ainda que longe, quero e devo amar segundo a palavra de Nosso Senhor.

Nós da Unitali, que procuramos aliviar os sofrimentos dos doentes com todos os meios, devemos lembrar-nos que também em terras longínquas existem doentes com doenças tremendas como a lepra, a malária, e tantas outras que desconhecemos e que além disso não são assistidos, mas abandonados a si mesmos, privados do mínimo conforto. Se queres ajudar-me, junto à carta uma conta corrente da qual deves especificar o fim. Se conheces alguém que me possa ajudar, expõe-lhe o caso. Obrigado pelo que farás.

« Caro Director:

Chamo-me Cristina Ogier e sou uma pequena leitora do seu jornal, uma vez que o meu pai é um vosso fiel assinante há tantos anos. Escrevo-lhe pedindo-lhe para publicar este meu apelo em favor de tantos pobres que sofrem.

Um jovem médico que, para dar mais ainda à miséria e às necessidades dos pobres se fez capuchinho, é actualmente missionário nas margens do Amazonas.

A única via de comunicação é o grande rio através do qual pode curar os leprosos, os doentes, e consolar a dor e o sofrimento.

Precisava de um barco sólido que se tornasse para ele um meio ordinário para a sua extraordinária obra de beneficência. Gota a gota recolhemos bastante, mas faltam ainda três milhões... Uma pequena soma para tantos amigos florentinos de quem conhecemos a generosidade e a bondade. O Padre missionário é o médico Pio Conti que conheci através do meu pai, também ele médico em Careggi.

Eu faço parte do grupo « Amigas dos Leprosos » e todas estamos desejosas de dar uma última ajuda a este generoso frade. Se, entre tantos leitores da « Nazione », alguém quiser colaborar na realização desta obra, enviando as ofertas para a Secção de beneficência do jornal, ficar-lhe-emos muito gratas, a si e a todos aqueles que nos ajudarem.

Agradecendo-lhe pelo seu acolhimento

Cristina Ogier

Não podiam faltar as respostas a estes apelos tão simples e prementes.

Poderiam contar-se muitos episódios mas seria uma antologia tão vasta, que é impossível para já que seja compilada.

Maria Cristina, com a sua tenacidade, não perdia ocasião e atafigava-se de mil maneiras « oportuna e inoportunamente ». Toda esta actividade não podia deixar de gerar preocupações ao olhar atento e vigilante dos pais.

Era já um grande esforço a escola; na Igreja estava sempre pronta a ler ao microfone a palavra de Deus ou as intenções da oração dos fiéis. Sempre pronta para as reuniões, etc.

Quantas vezes, pela mais pequena dôr de cabeça, a mãe recorria lavada em lágrimas à secretária e ao coração de Don Setti. Mas agora Maria Cristina excedia-se!

O seu pequeno diário revela esta preocupação:

« 30 de Janeiro de 1973

Chamam-me carola, teimosa, e talvez o seja, não sou eu que o posso dizer, mas deixaste-me só isto; que outra coisa poderei fazer?

Tiraste-me qualquer outra possibilidade, e isto deixa em mim uma marca profunda, mas apesar de tudo não desejo que amar-te e amar-te com grande amor, para te agradecer tudo aquilo que fizeste por mi.

Chamar-me-ão carola, teimosa, mas sei que esta é a estrada que conduz a ti e que devo percorrer ».

E Maria Cristina continua até conseguir completamente aquilo que tinha pensado.

A revista das Missões dos Padres Capuchinhos « Voce Serafica de Assisi » tem no número de Janeiro de 1973 duas páginas que não podemos deixar de transcrever.

Numa falava-se do barco e descreve-se:

« O barco tem mais de dez metros de comprimento; tem um motor diesel Perkins de 145 HP; casco em fibra de vidro. Pode transportar comodamente doze pessoas. Está preparado como pronto-socorro móvel, com camas, para o transporte dos doentes.

Estará sempre carregado de medicamentos, víveres dietéticos e de conforto e é dotado de aparelhagem sanitária entre as melhores e as mais modernas ».

Na segunda, escreve-se o seguinte:

« Tínhamos-lhe pedido uma fotografia desejosos que a doce imagem desta jovemzinha aparecesse nas nossas páginas e, vencida a natural modestia e timidez, ela consentiu, mandando ao nosso administrador com uma cartinha na qual ressalta o nítido candor da alma jovem, naturalmente desejosa de bem.

Eis as suas palavras simples, límpidas e frescas, como o brotar de uma nascente dos Alpes:

« Caro Senhor Petruccioli, peço desculpa pelo atraso na resposta ao seu pedido.

Aqui vai a fotografia; peço-lhe, contudo, que não me ponha muito em evidência e que não me elogie muito; procurei somente ajudar os pobres habitantes daquela região tórrida: Amazônia, e se, por isto, me julgassem digna de ter dado um passo para a fidelidade eterna, isso seria, de facto, muito pequeno e de pouco significado.

Posso unicamente dizer que o fazer quanto podia para con-

seguir este barco, juntamente com a senhora Tonelli, exigiu de mim tempo que espero tenha sido útil e profíquo.

Espero que os nossos missionários e o P. Conti fiquem finalmente satisfeitos com a concretização deste seu desejo.

Cumprimento-a afectuosamente e envio-lhe os meus melhores desejos de um bom 1973 cheio de felicidades... Cristina ».

Transcrevo um testemunho precioso: é a senhora Tonelli que escreve, protagonista com Maria Cristina da sua obra-prima:

« *Ouçô* ainda a rir natural e feliz no porto de Livorno naquele dia claro, quando o barco com o seu nome estava pronto para embarcar para a Amazônia. O P. Pio ria com ela e eram como duas crianças cheias de alegria.

Fui eu que apresentei o P. Pio Conti de Fiordimonte, um capuchinho, licenciado em medicina, aos pais de Cristina Ogier. O P. Pio devia adquirir experiência em obstetrícia e devia fazê-lo rapidamente. Somente Henrique Ogier o podia ajudar.

Na missão do alto Solimoas, o hospital de Santa Isabel, fruto do infinito amor de Lina Petruccioli para com os leprosos, esperava-o.

Em casa dos Ogier, o P. Pio foi recebido, amado e seguido como um irmão; teve todo o calor necessário para fazer levedar nele segurança e coragem para este ideal caritativo tão difícil de realizar.

Cristina teve por ele uma ternura infinita e ajudou-o com uma consciência superior à sua idade e à sua experiência.

No fim da primavera de 1971, depois da partida do médico missionário para a Amazônia, Cristina telefonou-me: « Sabe — disse-me — que coisa queria o P. Pio? »

Um barco grande para poder andar no rio Solimoas e chegar junto dos índios nas suas cabanas ».

Começou a recolha. O maior contingente chegou ao arcebispado, resposta de tantos amigos; depois, a Don Setti; finalmente tornou-se uma lenta chegada que desaguava nas nossas casas. Cristina trazia-me as pequenas somas para acrescentar às minhas. Encontra-vas sobretudo na caixinha posta no consultório do pai e não sabia que era ele próprio a alimentá-la! O total era difícil de atingir. Graziano Bianchi organizou para nos ajudar um con-

certo de órgão em Montelupo; Don Sessa foi o maravilhoso intérprete. Daquela fogo aceso entre os fornos e as fábricas dos ceramistas, Vittoriano Biliossi foi um alimentador capactíssimo; impôs aos seus compradores lombardos uma oferta e estes conheciam bem o respeito dos zeros! Passaram alguns meses durante os quais Cristina me sugeria iniciativas, e insistia para que fosse ao P. Bartolini a S. Joãozinho para lhe pedir que fizesse uma recolha na sua Igreja num domingo: foi o P. Evangelista de Foligno, o superior dos Capuchinhos Menores de Assis, de onde provinha o P. Pio, que pregou em todas as Missas de um domingo de Junho. Recolheu-se muito e, entre as ofertas, um cheque de cem mil liras. Cristina vibrava de alegria. Tinha-se chegado a uma cifra suficiente: o P. Evangelista teria dado a diferença.

Foi nesta altura que tivemos a ajuda de Dino Lorenzini, um trabalhador do porto de Livorno, forte e bom, dedicado ao amor do próximo como um autêntico missionário.

Com Cristina foi ao estaleiro de Fiumicino para escolher o barco e decidir as modificações necessárias, dispondo que os empregados do porto pagassem o transporte do mesmo até Livorno.

Graças a ele o barco não pagou alfândega e sempre ele conduziu de Eugénio Costa, o armador, a redução máxima do custo do transporte até ao Amazonas.

O barco transformou-se assim num posto médico flutuante e as amigas dos leprosos de Perugia pagaram as despesas para o fornecer de aparelhagens médicas indispensáveis.

O P. Pio veio da missão para se ocupar destas transformações. Quando o barco estava pronto para ser carregado no navio que partia, também eu o fui ver.

Inundado de sol, o « Maria Cristina » enganado, tinha todos à sua volta: Cristina Ogier, P. Pio, Lorenzini, jornalistas, empregados do porto: parecia o barco da esperança.

Antes que o P. Pio voltasse à Amazônia, o meu marido convidou-o com Cristina, os seus pais e Lorenzini, mas a pequena Ogier estava pálida, cansada.

Durante algum tempo não a encontrei; depois telefonou-me uma tarde dizendo-me que queria mandar dólares ao P. Pio. Fui

dura ao responder-lhe que exagerava a prover tão depressa às necessidades daquele frade que, em todo este tempo, não nos tinha escrito, salvo um breve aceno de saudação que lhe tinha enviado. Cristina sofreu certamente e tenho remorsos de não a ter compreendido, e é uma sombra que vela o vivo clarão desta cara amizade.

Don Setti, posto como Pároco Mirrato em S. Lourenço, favoreceu os nossos encontros. Cristina falou-me em fazer uma outra obra e em se dedicar a ela ao fim dos exames do liceu. Queria ajudar os velhos e os doentes, recebendo-os numa casa onde encontrassem ajuda e conforto.

Mas a sombra escurrecia sempre mais a sua face de criança, como as lágrimas velavam os olhos de sua mãe tão cheios de dôr. Na noite de 8 de Janeiro, Jesus tirou-lhe a cruz que com tanta simplicidade e tanto amor ela tinha levado por Ele!

* * *

Os estudos aproximam-se do fim. O último ano do liceu fá-lo-á a Poggio Imperiale, para superar algumas dificuldades que tornavam difícil a continuação em Santa Reparata, apesar de ter estado ali desde a primária. Aqui se prepara para o exame final que fará brilhantemente em Julho de 1973.

Na escola de Don Setti, sempre a correr, não se pode perder tempo. Maria Cristina aprendeu-o muito bem e ultrapassa todas as barreiras. A sua piedade é essencial.

Comunga todos os dias, reza muito: « Deixas-me só pouco tempo livre de ti », escreverá no seu diário, revelando uma intimidade profunda de união com Deus.

Depois do terço, todas as noites, a mãe encontrava-a sempre de joelhos « que estás a fazer? Delta-te! ».

« Devo rezar ainda: por todo o mundo, pelas missões, por Don Setti, pelo P. Pio, pelos doentes, etc. ».

Tem um grande amor e uma grande devoção à paixão de Cristo.

Sente vivo o problema da paz no mundo, nas famílias, a ânsia da conversão dos pecadores.

Quanto rezará por dois ilustres médicos florentinos afastados de Deus e como exultará por um destes que, seguido por Don

Setti — graças a ela — se aproximou de Jesus e morreu cristãmente!

Do seu sacerdote aprendeu a amar Nossa Senhora e será fiel todos os dias ao terço que rezará com a mãe. Sente uma atracção por S. Francisco e, depois de ter lido a sua biografia, quer ser terceira franciscana.

Será Don Setti, já Monsenhor da Basílica de S. Lourenço — uma nomeação e um cargo que a tinham feito feliz pelo desejo de o ajudar num campo mais vasto de trabalho — a admiti-la na Ordem Terceira durante a missa celebrada na Capela Capitular a 10 de Outubro de 1973.

Era a capela que, poucos meses antes, ela tinha com tanto trabalho remodelado entusiasmaticamente, lavando o soalho e os móveis!

No trabalho de restauro, durante a mudança de S. Joãozinho para S. Lourenço estava tão perto do seu Monsenhor, que trabalhava com o fato macaco, trabalhando também ela, enquanto que outros mais válidos estavam infelizmente comodamente longe...

* * *

Era uma grande alegria, ao domingo, gozar com o pai e a mãe o descanso semanal. E se o pai é chamado, ela e a mãe acompanham-no no carro, ficando ali à espera a rezar.

Os seus pais são tudo para ela! Fazia impressão este trio indivisível e unido.

Na Comunidade Juvenil todos os meses para o retiro, havia uma única marcação sempre fixa: os três Ogier.

Quanta ternura e quanta doçura...

E tudo sempre transfigurado à luz da Fé.

Não posso deixar de transcrever um bilhete com a data de 1-11-1970 escrito ao pai...

« Querido pai, neste dia tão importante para ti e para todos nós, também eu a tua querida filha te quero manifestar toda a minha felicidade por este reconhecimento que te chega depois de tantos e longos anos de duro e paciente trabalho.

Espero que esta seja para ti a colocação definitiva que esperavas há tanto tempo, que seja para ti, reconhecimento de tudo aquilo que, pouco a pouco, soubeste construir com as tuas forças. Sinto-me tão orgulhosa de ti, querido papá, e um pai mais maravilhoso que tu, não podia pedir a Deus de possuir.

Gosto muito de ti e procurarei, enquanto me for possível, não te dar mais desgostos que aqueles que já dei, mas independentemente da minha vontade.

Procurarei sempre ser digna de um tal pai e espero que a nossa mini-família esteja sempre unida e feliz na luz e no amor de Cristo. Tua Cristina ».

Queridos pais, com a espada no coração durante tantos anos... Sempre prontos, porém, a ajudar a ânsia sem repouso desta rapariguinha que escreve a 30-3-1972:

« Senhor, agradeço-te pelo chama que arde em mim, este desejo insaciável de fazer o bem, de ajudar o irmão »

Se se vai à praia durante o verão porque não visitar os doentes de S. Camilo?

Se se vai a Massarella a casa do avô, porque não se vai a Empoli, para ver um docente encontrado no comboio côr de rosa? Será feliz quando o Carlos, um docente de trinta e cinco anos que encontrou em Lurdes com uma mielite há dezoito anos, aceitará o seu convite para ir a Londres, para uma cura de paraplégicos e o pedirá ver já não na cama como o tinha conhecido, mas numa cadeira de rodas mais cómoda que o tornará mais calmo.

Faz eco disso o diário com data de 1-5-1972:

« Carlos voltou transformando de Inglaterra.

Senhor, és verdadeiramente grande, onnipotente, magnífico. Só há alguns anos era um outro e tu queseeste demonstrar-me a tua onnipotência ainda que através dos homens.

Sou tua, e quero ser tua agora e sempre, quero ser um teu instrumento para fazer o bem entre os irmãos longe e perto. Amo-te ».

Com um velho doente que gosta tanto de falar mas que infelizmente não regula bem da cabeça e que a mulher convida a calar: « Calma, calma, deixai-o falar », insinua com tanta doçura e com paixão que nos deixa esufectos.

E terá este significado a mãozinha que se apoiará, depois da missa, nos ombros da velha senhora a testemunhar a presença afectuosa e gentil.

Um velho professor recorda entre lágrimas a rapariguinha que lhe guardava o lugar na Igreja, a ele que, chegando atrasado, não podia estar em pé.

Tantos pormenores são seguramente devidos à maturação profunda e valorizada do seu sofrimento.

Até ao fim procurou esconder, não se lamentando e sorrindo: « Procura ter a grande caridade de não fazer sofrer os teus, de nunca dizer "já não posso mais" mas pensa antes "já não consigo" », dizia-lhe Don Setti.

E ela conseguia... E um olhar de compreensão, sem palavras, era a confirmação desta caridade heróica.

Ainda que consciente da sua doença, conservava sempre o sorriso. A um amigo que se lamentava por uma coisa de nada: « Porque te lamentas? Que deveria dizer eu? ».

A um outro que tinha medo de andar avião e dizia: « Pode-se morrer ».

« Eu não tenho medo, estou sempre disponível ».

Tinha o gosto pelo belo e sobretudo pela música, contagiada talvez também nisto pelo seu sacerdote e tantas vezes, com ele e com os seus, assistia e seguia espectáculos musicais com verdadeira paixão e interesse.

Poucas noites antes da sua morte tinha ouvido, na varanda de S. Lourenço, o disco de cantos sacros de Magda Olivero...

A grande artista que se encontrava em Florença e que tinha ouvido tantas coisas sobre o caso de Maria Cristina, ao saber disso, quis participar com a Comunidade dos Jovens numa missa por ela, e em sua memória mandou ao altar de S. Lourenço todas as flores que lhe tinham mandado por ocasião da sua « estreia »... de 19-1-1974.

Pensava no seu futuro.

« Serei médica, serei pediatra, dedicar-me-í às crianças, irei para as missões ». Ainda que muitas vezes dissesse que não veria mais de 18 anos!

Da constatação da existência de tantos doentes, especialmente

te velhos, nasceu nela o desejo de fundar pequenas casas que servissem de família para os velhos sós e abandonados.

« Nas crianças pensam todos, mas os velhos são os mais esquecidos ».

De uma carta de 25-2-73, de um seu amigo, companheiro de vaigem a Lurdes: « Caríssima Cristina, compreendo o teu justificado pesar pelo que se costuma chamar casas de cura ou casas de repouso. De facto, estou de acordo contigo que não são as estruturas sólidas que têm uma importância fundamental neste caso, mas o pessoal; do pouco que vi perguntei-me a mim mesmo se estes seres humanos, os empregados, nunca se interrogaram se também eles um dia se poderiam encontrar nas mesmas condições.

Percebo que se possam acostumar a um certo ambiente e que, portanto, não possam talvez como nós, que vimos do exterior, sentir tão perto as dores, os sofrimentos morais e materiais destas pessoas, mas não admito que este acostumar-se os autorize a tratar com tanta frieza aqueles pobres seres que, ao contrário e sobretudo, teriam necessidade de calor humano.

A mesma ideia que tu tiveste para uma pequena casa na tua Florença, tive-a eu para... espero tanto poder falar contigo outra vez sobre isto logo que tivermos ocasião de nos encontrarmos ».

Mas vale a pena transcrever uma carta sua de 19-2-73 a um doente. O que está em itálico encontra-se sublinhado no texto original.

É um compromisso preciso que anima a caridade de Maria Cristina... Não poderia ser um estímulo para despertar o nosso compromisso?

Caro F.,

Ontem à tarde, quando te fomos ver, fizeste-me tanta pena, completamente só, e ontem era um domingo em que desejava divertir-me e gozar daquela vã felicidade que nos pode dar a vida.

Mas tu, pelo contrário, passas os teus dias sempre iguais; para ti, não existem viagens a Lurdes e a Loreto, porque não tens um domingo de pausa no teu sofrimento.

Repara quantos contrastes há entre a minha vida, ainda que

seja um bocadinho parecida com a tua e tenha alguns pontos de contacto, e a tua sempre igual e cheia de sofrimentos espirituais e temporais.

Desde que comecei a conhecer-vos, a ti, ao pobre F., e a todos os outros, comecei a pensar em fazer-vos uma *pequena Casa de Repouso*, uma verdadeira casa de repouso, não como esta. Lembra-te que já o dizia há seis anos e agora chegou o momento de actuar este plano com a vossa autorização.

Caro F., só eu vos posso perceber até ao fim; não te esqueças que corri o risco de ser internada numa clínica parecida, coisa que sucederia talvez com a morte dos meus queridos pais e não te esqueças, que por amor e fé da minha mãe, fui levada em cadeirinha de rodas à Santa Casa de Loreto e bebi em Lurdes por um daqueles copos em que todos os doentes bebem, e bebo ainda, porque se curada no corpo estou tão doente na alma, e portanto estou doente como vocês, senão ainda mais.

Não te preocupes: esta casa para vocês far-se-á, e depois do meu exame no liceu começarei a interessar-me. Não tenhas medo, conseguirei fazê-la. *Conserva esta carta que será para mim um incentivo a realizar tal obra.*

Como consegui o barco para o P. Pio Conti, farei a casa de repouso que tu tanto desejas.

E agora deixo-te pedindo-te para rezares por mim e mando-te um beijo grande, grande.

Cristina

Tinha um carácter volitivo, tenaz, impetuoso.

Isto revestia-se de vez em quando, de alguns aspectos negativos que a podiam fazer parecer menos simpática.

Nas discussões na Comunidade era a primeira a intervir e de vez em quando as suas intervenções, ainda que fruto do zelo do bem, não eram sempre oportunas e pertinentes.

Tinha o seu fim preciso e claro e algumas vezes chocava com a mediocridade de quem a cercundava, espicacado pela sua generosidade: « E tu que fazes? Porque é que não fazes alguma coisa? Há tantas coisas para fazer! ».

Nem sempre as pessoas aceitavam este seu comportamento que, contudo, era sempre acompanhado de um constante sorriso.

Ela percebia como um sofrimento interior este mal estar que suscitava nos outros, e a sua sensibilidade talvez o exasperasse, como se exprime a 9-6-1973:

« A sociedade afasta-me, também os meus pais, de certo modo, me proíbem de fazer isto e aquilo, tudo se recusa a mim que aceitei a tua vontade. Aqueles que me estão perto suportam-me. Que grande humilhação ser suportada, ser amada, às vezes, contra vontade ».

* * *

Uma sua amiga, mais tarde professora, Justina Grisolia Manelli transmitiu-me uma recordação afectuosa e sincera:

Santa Reparata: Uma capela cheia de tantas boinas azuis, o terço rezado em conjunto, os corredores nos quais nos encontramos durante os intervalos das aulas. São estas as primeiras recordações que tenho de M. Cristina e do nosso conhecimento, um conhecimento ao princípio distraído e superficial que depois se tornou numa sincera amizade, numa troca de afectuosos sentimentos. Foram de facto as aulas que dei a M. Cristina, as horas passadas juntas sobre os textos de latim e grego, as suas lágrimas derramadas frequentemente por uma chamada que corria mal ou por um ponto sem êxito, que cimentaram a nossa amizade.

Sim, M. Cristina era uma das tantas raparigas a quem dei explicações de latim e grego, mas com ela a relação era diferente, porque era uma rapariga diferente das outras.

Impressionava-me sempre a sua grande força de ânimo, a sua tenacidade, o seu desejo de se tornar útil aos outros, de aproveitar ao máximo também a sua desgraça. Esta possibilidade foi-lhe oferecida, mais que em nenhum outro sítio, entre os jovens da Comunidade de S. Joãozinho aonde levou o seu entusiasmo e a sua ânsia de caridade.

Parece-me que a estou a ver, quando nos nossos retiros seguia com um gravador as práticas de Don Setti, para depois as tornar a ouvir no seu quarto, mas sobretudo para as pôr em prática durante os momentos da sua vida nem sempre fácil.

Maria Cristina tinha tantos problemas, uma desgraça que a tornava diferente das suas coetâneas, que a privava de tantas alegrias reservadas à sua idade, e contudo conseguiu na sua

vida ainda que breve, fazer frutificar os seus talentos, não perder tempo...

Não percas tempo... Quantas vezes estas palavras de Don Setti a terão tocado de modo a tornarem-se o fio condutor da sua vida, de tal maneira que conseguiu nisto levar a melhor sobre a morte.

Maria Cristina deu-me talvez a sua maior prova de abnegação em Lurdes, onde me levou e onde não parava um momento. No comboio, quando todos estávamos cansados e dormíamos, era uma das poucas que encontrava força para trabalhar, andando para cima e para baixo por todo o lado, a levar conforto a quem estava pior que ela. Era talvez este o motivo porque Maria Cristina se transformava em Lurdes, e encontrava uma carga de energia excepcional porque em Lurdes podia realmente ser útil a alguém e sentir-se indispensável.

* * *

No dia 2 de Março de 1973 uma grande dor de cabeça obrigou-a a ir para a cama.

A terrível angústia dos pais ultrapassa a nossa imaginação. Parecia que as coisas se precipitavam: « You ter com Jesus », dizia, e apesar de estar em casa recebeu sempre a comunhão que Don Setti lhe levava nas horas mais cómodas durante aquele período.

Em fins de Março, as melhores consentiram-lhe continuar os estudos no liceu.

Teve a alegria de ver o seu barco pronto com a colaboração generosa dos trabalhadores do porto de Livorno que, ainda que com ideias diferentes, tinham sido contagiados pelo zelo cándido de Maria Cristina.

Ofereceu a batina roxa ao seu Don Setti nomeado Monsenhor e Pároco de S. Lourenço: « Para mim, apesar de tudo, será sempre Don Setti, mesmo que o façam Papal! ».

E em S. Lourenço foi fiel todos os domingos à Missa que ele celebrava.

Era um problema quando não participava naquela Missal... Era para ela um reforçamento de graça e de alegria, embora nos últimos meses se aproximasse da Eucaristia agarrada

ao braço da mãe, porque já não podia aguentar-se em pé sozinha.

O Verão de 1973, foi mais triste pelas piores que a impediam de ir à praia e a faziam sentir cada vez mais a sua infirmitude.

Inscreeu-se em medicina, como era seu desejo, no sonho de se dedicar aos que sofriam mais e aos doentes mais pobres, especialmente em terras de missão.

Frequentou poucas vezes a Faculdade, participando nas lições.

Sentia um grande consaço e, contrariamente ao seu temperamento, uma abolia que a tornava frequentemente ausente e vazia.

Que fazer?

Os pais esforçam-se cada um por seu lado por acarinhar a pequena mão inerte, e faz ternura o médico maduro que leva aos lábios aquela mão beijando-a com doçura infinita: « Minha querida ».

Tentaram ainda uma viagem à Suécia, a Gotemburgo, de 14 a 20 de Outubro.

Na noite de 13 de Outubro, na praça de S. Lourenço, Don Setti abençoava os três que partiam: « Gotemburgo, um nome propício: quer dizer cidade de Deus! Esperamos que possais encontrar e sentir perto o Senhor! ».

O tumor no centro do cérebro continuava como há quinze anos, mas a perna arasava-se sempre mais e o braço direito era cada vez mais sustentado pelo outro, enquanto o caminhar se tornava sempre mais vacilante...

Para tentar um tratamento especial, irá a Roma com a mãe de segunda a sábado precisamente para satisfazer a mãe, mas voltará sempre todos os feriados para estar com o pai, toda a família unida, no primeiro banco da Basílica de S. Lourenço.

É como uma névoa que se adensa no coração, e o temor de um futuro sempre mais incerto: uma paralisia total? Uma cadeira de rodas para sempre? E mais grave ainda também a perda do entusiasmo pelo seu Jesus?

« Não te deves preocupar, o Senhor quer de ti o dom de uma fé mais pura. Coragem e continua ».

Don Setti ampara-a nesta prova terrível.

« Que quereirá de mim o Senhor? » É a sua contínua pergunta nos últimos dias.

A mãe, desolada, não poderia dar-lhe uma resposta mais válida: « Deus pediu a Abraão a sua única riqueza: Isaque; e se o Senhor pede que tu lhe ofereças aquilo que te resta, inclusivamente a possibilidade de fazer o bem? ».

« Sim, mãe, farei tudo, sempre tudo! ».

É o último pedido no último colóquio com Don Setti na ante-véspera da sua morte.

Todo o dia com ele, almoçou na casa paroquial com os seus pais e lá ficou até à noite.

« Que quereirá de mim o Senhor? ».

Don Setti anima-a: « Que queres que queira? Deste-lhe tudo e sempre! Procura melhorar e depressa, e volta a Florença: há tanto que fazer. Devo acabar os bancos da Igreja, os salões, e preciso de uma "maçadora" como tu! ».

Ela ria serena e com esta serenidade partiu para Roma.

No último dia da sua vida, a névoa tinha desaparecido e tinha conservado esta serenidade com a qual se encontrou com a morte.

Tinha acabado de chegar às 19 horas da missa vespertina das 18,30 em Roma, onde tinha recebido, como sempre, a Comunhão. Tinha-se sentado a uma mesa, junto à mãe, estendeu os braços para ela e ficou inerte.

Uma paralisia bulbar marcou a hora do Encontro definitivo.

« Vivo sonhando com o paraíso e não vejo o momento de lá chegar para te tornar a ver, imenso amor! ».

* * *

A notícia chega depressa a Florença, procura-se encontrar o pai, telefona-se a Don Setti.

É uma tristeza geral.

Regressará de Roma a 21 de Janeiro para ser exposta na Capela dos Estigmas de S. Francisco na Praça de S. Lourenço.

Na Santa Missa que Don Setti celebra é colocada sobre o caixão a primeira flôr.

Falando de um seu jovem mestre de natção, ex campeão do mundo, antes do Natal tinha dito a Don Setti: « F., precisa de

si, é bom, generoso, mas não frequenta os sacramentos e nem sequer em Lurdes onde o levei, o consegui. Levá-lo-ei, prometo que o mando ».

Enquanto se espera a chegada do corpo, aproxima-se um jovem, e sem que ele fale é Don Setti que lhe diz: « É Cristina que te manda, que mantem a sua promessa! ».

Um colóquio, lágrimas, comoção. O perdão de Cristo desce sobre o afastamento de mais de vinte anos e restabelece o contacto com ele na missa do dia 10 e dos dias seguintes.

Ao princípio da tarde do dia 11, o funeral é uma verdadeira Epifania, um testemunho espontâneo de toda uma cidade e não só... Entre os concelebrantes vêm-se quatro capuchinhos de Assis que representam o « seu missionário » que ela agora seguirá de perto do céu.

Na manhã de sábado, na presença de poucos íntimos, é sepultada na colina de S. Miniato no cemitério das Portas Santas.

* * *

Circulam as vozes mais diversas. Quem a sonhou vestida de candor e cheia de luz. Quem sentiu a necessidade de a invocar. Quem, em seu nome, fez ofertas para que a sua caridade prosiga. Pensa-se já em realizar o seu plano de montar aquelas casas para os velhos pobres e sós.

A presença de Maria Cristina impõe-se porque todos falam dela com curiosidade, com interesse, com afecto, com viva participação.

* * *

Concluo estas páginas que tantos pediram, com profunda emoção. A sua morte revelou uma vida!

Muitos sentiram a necessidade de se aproximar do Senhor, de fazer as pazes, de se comprometer.

Muitos invocam-na como uma pequena santa e esta expressão circula com comoção especialmente entre os jovens amigos da Comunidade.

Deixamos a Deus o encargo de cumprir o Seu plano como Lhe agradar, e a nós não resta que o reverbrar perfumado de luz que nos convida a imitá-la e a seguir-lhe o exemplo.

G.S.



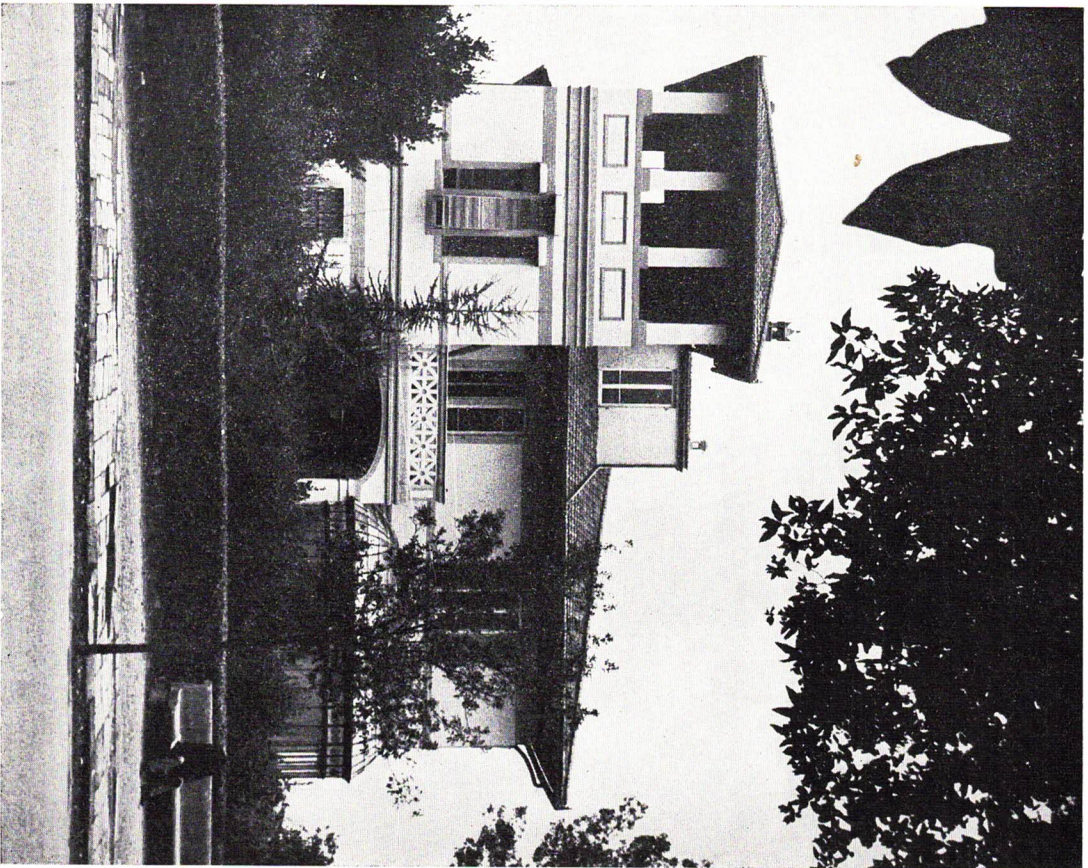
Em Lurdes, no seu campo de trabalho

Ao lado de um doente



Com um grupo da « Comunidade Juevnil »

*Publicamos os poucos pensamentos
do seu pequeno diário,
deixando os sublinhados e as datas
como se encontram no original.*



Casa família « Maria Cristina Ogier »

2 de Março de 1972

Obrigado, Senhor, por
me teres mostrado
a Tua vida e por me conduzires
por ela a Ti.
Amo-Te e a minha vida
quero que seja dedicada
a Ti e aos meus irmãos.
Posso recompensar-Te só
em pequena parte, não completamente.

5 de Março de 1972

O meu amor pelos outros
não deve ter confins
mas amar o homem de
qualquer país, nação
longe ou perto.
Amar no Teu amor.
Amar para te agradecer do
Teu grande amor para conosco.

19 de Março de 1972

Não posso duvidar de Ti,
fazes-me sempre calar.

30 de Março de 1972

Senhor, agradeço-Te pela chama que arde em mim, este desejo insaciável de fazer o bem, de ajudar o irmão e ao mesmo tempo de Te ajudar a Ti que nos amaste tanto. Ajuda-me a suportar, a sofrer, a aceitar sempre a Tua vontade.

12 de Abril de 1972

Esta nossa vida é um nada em relação à eternidade, ensina-me a usá-la segundo os teus ensinamentos.

Seja feita em mim a Tua vontade: só assim serei feliz para sempre.

23 de Abril de 1972

Revelei a Don Setti a minha aspiração.

23 de Abril de 1972

Cada dia me fazes mais Tua, chamas-me com insistência e sempre; deixas-me só pouco tempo livre de Ti. Responder-Te-ei em breve, agora posso ouvir somente a Tua chamada para estar segura da Tua vontade.

27 de Abril de 1972

O professor Mangione está a morrer em Careggi.
S. Francisco chamou-te irmã morte; e és uma verdadeira irmã além de um sono sereno; juntas-nos Àquele que nos criou.
Não tenho medo de ti, ó morte, para mim és aquela que me unirá para sempre, ao meu Senhor.

1 de Maio de 1972

Carlos voltou transformado de Inglaterra.
Senhor és verdadeiramente grande, onnipotente, magnífico.
Só há alguns anos era um outro e Tu quiseste demonstrar-me a Tua onnipotência ainda que por meio dos homens.
Sou Tua, e Tua quero ser agora e sempre, quero ser um Teu instrumento para fazer o bem entre os irmãos longe e perto.
Amo-Te.

29 de Maio de 1972

Chegada de Loreto
Senhor, porque usaste comigo de tanta clemência e amor?

Tiveste piedade de mim e
quiseste olhar-me do Teu trono.
Senhor, como posso agradecer
senão dando-Te toda a minha
vida, tudo aquilo que tenho?
Senhor, ilumina-me, não me
deixes nunca, faz que caminhe
sempre na Tua estrada.

28 de Novembro de 1972

Tudo por Ti e em Ti;
Tudo segundo a Tua vontade
e ao Teu serviço e dos outros.

29 de Novembro de 1972

8 de Agosto de 1972

Amo-te, ó Morte, porque és
o sono benéfico que me
unirá ao meu Deus
e dar-me-ás a felicidade eterna.
Amo-te, ó Morte, porque não
me fazes medo e em nome
do meu amor pelo meu
Jesus, afrontar-te-ei até
imediatamente, não como
uma inimiga, mas como
uma benévola amiga.
*Morte do Prof. Inguilla e
Senhor Lorenzoni.*

18 de Outubro de 1972

Vivo,
sonhado com o Paraíso
e não vejo a hora de
lá chegar para Te tornar a ver,
imenso amor.

Tu deves ter a força,
a constância de ir
para a frente só por aquele
Deus que tu amas.
É preciso tomar
a vida como uma luta
contínua contra o mal
e, se cedes, és vencida,
mas se continuas a combater
no Seu nome, vences
a maior batalha:
a batalha da vida.

9 de Dezembro de 1972

Volto o P. Pio
Senhor, como Te posso agradecer
tudo aquilo que me dás.
Parece que o meu e o Teu plano
sigam realmente a
mesma estrada, o mesmo percurso
para chegar a Ti.
Mas, Senhor, sinto-me
indigna de Te poder ter todo para
mim. Eu, mísero mosquito da

terra tenho tanta importância para ti,
porquê?

Eu posso dar-Te unicamente a minha
niserável vida de pobre pecadora
e Tu mesmo Te ofereceste por mim.

Senhor, que posso fazer para
Te dar um mínimo de graças?

Amo-Te, só Te sei dizer isto,

Amo-Te com um amor imenso, só isto
Te sei oferecer a Ti, meu Deus,
meu tudo.

12 de Dezembro de 1972

Fui com o P. Pio ver
o barco

Senhor, agradeço-Te por
me teres concedido realizar
uma obra tão bela, que quase
me parece um sonho.

Amo-Te e desejo que este
amor aumente sempre mais.
Amar, saber amar é a coisa
mais bonita que existe sobra a terra,
e agradeço-Te por me teres
ensinado desde pequena a
amar.

Não, o meu amor não pode
existir para um só, mas eu
devo dar a todos indistintamente,
a amigos e inimigos, a vizinhos e
desconhecidos, um grande amor

como Tu próprio deste
e com o Teu exemplo, eu quero
viver aqui na terra, para depois
ser feliz contigo, meu sumo
bem, e com todos aqueles que
conheci e não conheci.

Desejo dar e dar sempre em
maior medida, para Te dar
a Ti os pequeníssimos frutos
deste incessante e contínuo
desejo de saber dar.

Ensina-me a amar e a saber-me
dar sempre mais.

30 de Janeiro de 1973

Chamam-me teimosa,
de ideias fixas, e talvez o seja,
não sou eu que o posso dizer, mas
deixaste-me só
isto, e que outra coisa poderei
fazer?

Tiraste-me qualquer outra
possibilidade e isto deixa
em mim uma marca profunda, mas
não obstante tudo não
desejo que amar-Te, e amar-Te
com um grande amor para
Te agradecer tudo aquilo
que fizeste por mim.
Chamar-me-ão teimosa,

de ideias fixas, mas sei que esta
é a estrada que conduz
a Ti e que devo percorrer.

2 de Fevereiro de 1973

Senhor, não me sinto digna
de sofrer, porque o sofrer
é dos Santos e eu, não me
sinto santa, nem sequer boa,
mas continuarei nesta
estrada, na estrada dos
pequenos e grandes sofrimentos
que Tu me mostras.
Faz de mim o que quiseres,
sabe que Te amo e que de Ti
aceito tudo, tudo o que quiseres.

18 de Fevereiro de 1973

Não quero ser elevada
às honras dos altares, nem
ser glorificada nesta terra
por um barco, ou por qualquer
outra pequena coisa,
mas quero unicamente poder
estar perto de Ti e ser
sempre a Tua predilecta.
Amar-Te, amar-Te até ao fim
é isto que desejo, que
quero mais que tudo no mundo.
Amo o mundo que Tu criaste,
ainda que pareça que o mundo
me odeie.

17 de Março de 1973

*Fui a Fiordimonte a
casa do P. Pio, precisamente no dia
em que partiu.*
Senhor, agradeço-Te por
me teres dado esta grande
alegria de conhecer um pouco
mais o seu mundo, que é
simples, simples e que
também eu amo.
Senhor, conforta-o e dá-lhe
a força de prosseguir
e de fazer o seu dever,
aquilo que Tu exigiste
dele.
Está-lhe perto, não o
abandone nunca,
guarda-o sempre, não
o deixes, como não
me deixas nunca a mim, não por
mérito meu, mas pela
Tua grande misericórdia.
Tem piedade de nós os dois,
mantem-nos perto do Teu coração
e com infinita
misericórdia, protege-nos.

9 de Junho de 1973

A sociedade afasta-me;
até os meus pais, de certa
maneira, me proíbem
de fazer isto e aquilo,
tudo se recusa a mim

que aceitei a Tua vontade.
Aqueles que estão perto de mim
suportam-me; que grande
humilhação, ser suportada,
ser amada, às vezes,
contra vontade.
E fácil beijar, apertar
num abraço afectuoso,
mas renunciar a um
prazer, a um divertimento,
isto é difícil, este
é o drama que eu
sofro.

1 de Agosto de 1973

Caro Jesus,
Tu sabes quanto Te amo e quanto
preciso de Ti, ajuda-me em
cada momento da minha
vida. Tenho medo do futuro,
da própria vida, não da
morte, que me unirá
a Ti, meu tudo.
Se não Te tivesse a Ti, como
conseguirei viver!

OS ANIVERSÁRIOS

8 de Janeiro de 1975

Caríssimos:

É com profunda comoção que escrevo já passado um ano da morte de Maria Cristina Ogier.

Escrevo-lhes para os convidar para a S. Missa que será celebrada na Basílica de S. Lourenço no próximo dia 8 de Janeiro às 18 horas.

Mas escrevo-lhes sobretudo para lhes comunicar, ainda que sumariamente, um pouco daquela luz que na Epifania de 1974 se difundiu de um modo inexpricável no meio de tanta gente.

A minha modesta lembrança saída no seu « In Memoriam », que tinha exactamente o nome simbólico de « A luz da Epifania » está na sua quinta edição.

Milhares e milhares de pessoas dedicaram a sua atenção à mensagem desta jovem do nosso tempo.

O Osservatore Romano falou dela em dois artigos, escreveu sobre ela o semanário Gente, assim como outros jornais e semanários italianos e estrangeiros, da Suíça, à Inglaterra, ao Brasil.

Cada dia era imensa a correspondência que trazia o eco de consensos vibrantes e comovidos. E a semente começou a dar os seus frutos.

Assim, por exemplo: em Santa Maria Nova nascerá um inteiro pavilhão dedicado à generosa jovem.

Também em Empoli, uma casa de velhos.

Entretanto está quase a ser inaugurada em Florença uma casa que terá o seu nome e que, hospedará doze raparigas handicapadas. Nesta mesma carta uma amiga comum falar-lhes-á desta casa.

Estimulados por este fervor e entusiasmo começa a funcionar a « Fundação Maria Cristina Ogier » como pessoa moral para assegurar a caridade que nasce do seu nome.

Como descrever o zelo dos grupos juvenis que se fundam no

seu exemplo para continuar a obra? Como a ânsia de recolher quadros para uma eventual exposição?

E a amorosa actividade de tantas senhoras que fizeram cobertores de lã, verdadeiras obras de arte para as camas da casa florentina?

E a generosidade magnânima da grande Magda Olivero que em memória de Maria Cristina gravou um esplêndido disco que ainda se pode encontrar em S. Lourenço?

Todas estas notícias que se sucedem umas atrás das outras e se juntam na recordação, fazem-nos pensar em iniciar um « folheto periódico » para comunicar aos amigos, já incontáveis, aquilo que se faz, e quanto se escreve em cartas emocionantes.

Nem podemos acreditar quantos, e são tantos, que falam de favores obtidos por meio dela; parece-nos que é uma graça sublimar a difusão da sua mensagem de generosidade, de sacrifício e de amor.

O tempo que passou deu-nos a dimensão sempre mais clara de que o nosso mundo precisa destas « palavras feitas carne », que dão à ânsia e à procura actuais a resposta do amor que Cristo trouxe à terra « como fogo que se deve acender ».

Que para cada um de nós a passagem do primeiro aniversário seja um novo chamamento ao compromisso generoso e creto.

Pecaço por nós a doce intercessão de Maria Cristina.

Mons. GIANCARLO SETTI

DIA A DIA COM MARIA CRISTINA

Há frases que parecem retórica e todos procuramos evitar; e contudo eu escondia o preciso, comovente, início da minha narração se evitasse dizer-lhes isto:

Parece-me ainda que sinto aquela suave mãozinha na minha, como naquele dia, enquanto de mãos dadas me dirigia para o grande banco na sala de S. Lourenço.

Tinha sentido que aqueles pequenos e corajosos dedos não conseguiam separar-se do meu apoio.

« Sentemo-nos, Maria Cristina, estou cansada », disse-lhe, e de repente, depois de tantos anos que nos conhecíamos só superficialmente (por culpa dos meus cinquenta anos contra os seus dezoito!) nasceu uma grande doçura entre nós, um entendimento verdadeiro e definitivo.

Maria Cristina tinha-me procurado; devia-me falar.

« Senhora Barocchi, devemos fazer qualquer coisa juntas — disse-me imediatamente —. Penso sempre nos meus amigos doentes, naqueles que conheci em Marila, sabe? Não é justo que um jovem doente, quando já não tem os pais ou uma casa, deva passar a vida num asilo, juntamente com os velhos, às vezes com os dementes, em tanta trizteza! Que não haja uma assistência especial para eles!... ».

Assim, mais ou menos, ela continuou a desabafar as suas preocupações pela insuficiência, melhor, pelo obscurantismo das estruturas assistenciais. (Uma alma boa, santa, sabe sempre antes, aquilo que depois a sociedade e o Estado devem aprender dela!).

Tive naquele colóquio a revelação de toda a sua sensibilidade, da grande caridade que a induzia a sofrer, como na sua própria carne, o sofrimento dos outros. Senti naquela mãozinha, mesmo insegura, toda a firmeza das « criaturas de boa vontade ».

É isto. Se não sublinhasse este primeiro ponto, perderia em verdade toda a comoção que senti depois, no desenrolar de um

acontecimento que me pareceu sustentado do alto, pelos fios subitís e invisíveis *daquela firmeza!*

Quando foi este encontro? Devia ser em Novembro, parece-me. Maria Cristina tinha o seu sobretudo cinzento, com uma gola de pele com pelos claros e curtos que ficava muito bem com a sua expressão que nunca foi afectada, nem sequer quando em Dezembro accitou a imobilidade, no seu banco na primeira fila, na nossa missa de domingo: manteve o seu olhar franco e aberto enquanto que o nosso não aguentava e se abaixava.

Quantas vezes, desde essa altura, até 8 de janeiro, tornámos a falar as duas? Não sei bem, mas pelo menos duas vezes, estou certa, o fizemos de modo mais significativo.

Uma vez falei com ela durante muito tempo, dividindo o seu desejo de fazer, de dar, embora sem esperança de poder conseguir organizar aquela pequena « casa para jovens docentes » com que sonhava, melhor: que tinha prometido!... (Como o descobri depois, quando li a sua carta, publicada neste livrinho na página 25: « Desde quando te conheci, pobre F. e todos os outros, comeei a pensar em fazer-lhes uma "pequena casa de repouso", uma *verdadeira* casa de repouso, não como esta. Lembrares-te, dizia-o há seis anos e agora chegou o momento de pôr em prática este plano... »).

Eu dizia-lhe: « Maria Cristina, mesmo que consigamos encontrar o ambiente, como faremos para manter o peso da gestão? Somos "particulares"; as organizações de assistência não dão as suas rendas aos particulares!... Nunca o conseguiremos manter, sem ajudas! ».

Contudo, Maria Cristina não conhecia a descrença dos outros; conhecia só a sua fé! E insistia que não se podiam deixar na tristeza os jovens handicapados, e repetia-me: « Procure essa casa, procure qualquer coisa! ».

A última vez falei-lhe durante o Natal, numa Missa de Don Setti, de quem ela se sentia cada vez mais fortificada.

Acenci-lhe, dei-lhe a notícia: « Cristina, a casa existirá! É bonita, na Avenida Gailieu. Está mesmo a calhar para uma pequena comunidade de dez ou doze jovens como tu querias. É da Pia Obra « Picone », que já a emprestou em 1959 para uma

casa-família das Estigmatinas, que precisamente agora a deixam livre. Penso que poderíamos conseguí-la; mas o problema é... depois! Maria Cristina, como fazemos depois? ».

Mais uma vez Maria Cristina mostrou a firmeza da sua caridade: « *Encontrarei o modo*, verás! E depois se conseguir ser médica, estarei eu com eles! Pense na casa! Pense! ».

Este encargo, dito com uma alegria que julguei uma experiência infantil, foi a sua entrega...! Maria Cristina deixou-nos e eu abandonei a empresa!

Sabia por experiência que a beneficência privada, hoje, é como uma mulher frágil cuja gravidez se conclui frequentemente em aborto.

Precisamente isto tinha dito a Maria Laura Tonelli alguns meses antes, quando a tinha conhecido em sua casa, naquele sétimo céu onde ela vive e onde só a sua luminosa *florescência* pode rivalizar com a luminosa *Flor* de Brunelleschi que desabrocha mesmo ali ao pé.

Tinha-me mandado Don Setti: « Dou-lhe este nome e esta morada (tinha-me dito), tome nota e vá lá. *Não sei porque*, mas sinto que deve conhecer a senhora Tonelli — Vocês são dois tições: talvez salte uma boa cintila ».

Fui à Maria Laura, mas tive de falar logo com honestidade: « É verdade — admiti — tenho muitos desejos. Mas falta-me o mais necessário: a santidade. Ora, se você é santa, estamos bem. Sei por experiência, contudo, que sem a santidade não se evitam os abortos, na gestação da caridade ».

Maria Laura respondeu alegremente: « Oh! Alguma Santa — por nós, em vez de nós — encontraremos! ».

Passou o tempo, mas não obstante toda a dedicação os tições não faziam faísca... a pequena « semente » devia ainda morrer se enterrada...

Então não sabia que Maria Laura e Maria Cristina se conheciam. Soube-o depois, no primeiro encontro com Gina Ogier, depois da... Epifania de Maria Cristina. Soube que três dias antes de a deixar, a menina tinha dito: « Mãezinha, se eu vier a faltar, continuarás tu os meus compromissos, não é verdade? ».

« Maria Cristina, que dizes? E depois sabes que a tua mãe não tem a tua força... » « Não faz mal, mãe, tu começa; depois

verás, a força chegará... Deves ir ter com a senhora Tonelli e com a senhora Barocchi... E depois, sabes, a casa já a temos. Basta-me uma casa pequena para dez jovens ».

Foi assim que soube; soubemo-lo todos. E sentimo-nos todos *empenhados*. O *empenho* de coragem de Gina e Enrico Ogier (esta sorridente, atormentada coragem que nos mostra de quem Maria Cristina herdou aquele carácter que não vacila mesmo que vacilem as pernas...) reforçava cada dia em nós a vontade de ser fiéis: fiéis a Maria Cristina pelos seus pais, fiéis aos seus pais por Maria Cristina.

E Don Setti, que do seu directo... Chefe aprendeu a habilidade de... combinar as combinações, recolhiamos à sua volta, com novos amigos, novas solidariedades.

Mas que fazer? Que fazer de bom em memória de Maria Cristina? Tentámos várias estradas: a única em que não nos metemos foi precisamente o de pedir o uso daquela casa para as jovens doentes. Não sabíamos! Sabíamos que devíamos fazer alguma coisa — normalmente — *por* Maria Cristina; não sabíamos que Maria Cristina — extraordinariamente — devia fazer alguma coisa, *conosco*!

Depois, uma manhã (para dizer toda a verdade, ainda que seja prolixa) o tição de Maria Laura fez estas faíscas: « Veio verme uma irmã estigmatina, daquelas que deixaram a casa-família na Avenida Galileu... Terá sido por acaso, mas pensei... se não terá sido uma inspiração?... É um pecado deixarmos fugir aquela casa. É preciso tentar obtê-la! ».

Com estas faíscas e um pouco de suor¹, obtivemos finalmente a casa « Picone ». E depois... depois, por meio de combinações e acontecimentos, ora impensadamente espinhosas, ora impensadamente fáceis, fomos forçados, sim, forçados, a realizar precisamente aquilo que Maria Cristina queria e *como* ela o queria: « uma casa, uma verdadeira casa, para dez ou doze raparigas, não mais... que seja como que uma família... e onde estejam as irmãs para que a assistência e o AMOR sejam assegurados e presentes sempre! ».

E nós, da « comissão Maria Cristina Ogier », com a ajuda de tanta gente boa, estamos agora a restaurar a casa: o melhor pos-

sível, com o indispensável ascensor para macas, com os serviços necessários, com tanta beleza, de maneira a mitigar aquele sofrimento que vem de Deus a tristeza que vem dos homens. Era assim que ela queria. Assim aquela casa que ela devia cuidar como médico será a casa que ela cuidará como anjo... A Casa « Maria Cristina »...

Ah, dura cerviz a minha que se abriu somente ao fim! Que não tinha ainda percebido como realmente, com fios subtils e invisíveis, uma pequena mão — já trémula — nos manobrasse com sempre maior *firmeza*, para nos fazer fazer o que ela tinha firmemente desejado e prometido cá na terra; não tinha compreendido que o Céu prossegue, com o ímpeto dos seus predilectos, as obras que eles não puderam realizar na terra.

Desde aquela tarde, com comoção cada vez maior, reli mais de uma vez *toda* a famosa carta que Maria Cristina escreveu ao jovem professor imobilizado: ... « Caro F.,... *conserva esta carta que será para mim um incitamento para realizar tal obra* ».

Mais de uma vez, recordei os encontros, as palavras, as... combinações e as inspirações; e finalmente revi tudo sob a sua verdadeira luz, a Luz desta rapariguiinha que desejava « *dar e dar sempre em maior medida* ».

Foi ela que conseguiu a casa; é ela que atrai as ajudas e os corações; é ela que certamente a guarda e a guardará. Isto é seguro; e meterei as mãos no fogo! E se isto pode parecer sentimentalismo, não nos envergonharemos de nos tornarmos sentimentais olhando aquele céu, donde desce e aonde volta o *Sentimento*!

LUCIA BAROCCHI

8 de Janeiro de 1976

Uma etapa necessária, uma paragem obrigatória. Não só para reavivar a recordação do segundo aniversário da morte de Maria Cristina (o que nos faz pensar como o tempo corre), mas sobretudo para comunicar a tantos amigos a experiência singular que estamos a viver.

Maria Cristina está mais presente e viva cada dia que passa. A correspondência traz-nos continuamente o testemunho de quanto é eficaz uma semente lançada, e a projecção de uma luz. É o trabalho silencioso que esta jovem faz ainda no meio de tanta gente, de um extremo ao outro de Itália e em várias outras regiões no estrangeiro.

Não é muito fácil explicar-se este fenómeno que nos deixa sempre surpresendidos e comovidos.

O livrinho « À luz da Epifania » vai na sexta edição e é necessário fazer uma nova.

A Casa, que tem o seu nome, é uma realidade, mas o que é mais importante é a « Fundação Maria Cristina Ogier ».

Nela convergem todas as iniciativas e todas as ofertas e nela se unem as esperanças de tantas realizações que queremos apressar.

Quantos velhos nos telefonam, nos escrevem, a pedir uma casa para eles. O coração de Maria Cristina acendeu-lhes, com o seu desejo, um sonho que permita acabar menos sós uma existência muitas vezes difícil.

É este o objectivo que a « Fundação » se propõe realizar a breve prazo.

Multiplicam-se cada vez mais discussões, críticas, propostas, projectos de lei, etc. mas o que não se pode parar é, e será sempre, o amor.

Passaram dois anos de uma morte, mas a chama acesa por Maria Cristina comunica-se sempre mais e acende-se sempre mais luminosa.

Mons. GIANCARLO SETTI

Com a mesma comoção de Janeiro passado, quando fizemos o balanço do primeiro ano do desaparecimento de Maria Cristina, repito-me e repito-vos ainda: serão « combinações », mas QUEM é que combina as combinações?

Então, era profunda a emoção pelo fio invisível que tinha guiado os nossos passos incertos ao limiar de um empenho (a Casa-família para jovens doentes) que Maria Cristina queria ternamente realizar.

Hoje sentimo-nos turbados pela ajuda extraordinária que nos conduziu — desde o restauro da casa até à última cortina, ao último copo — à conclusão daquele empenho. Quase como se Maria Cristina tivesse constrangido os corações de todos, como sabia fazer quando estava entre nós! Não só... Quando se chegou ao dia da inauguração da Casa e se pensou em dar simbolicamente as chaves durante o Ofertório da Missa inaugural, deu-se uma outra « combinação » que nos marcou: há cinco anos, durante o Natal, Maria Cristina quis vincular todo o dinheiro que recebeu de presente da família (ela queria sempre presentes « líquidos » para os poder passar melhor aos seus pobres amados) num depósito bancário que teria atingido a bela soma de 500.000 libras no fim do *Natal de 1975*. « Nessa altura — dizia brincando como sempre com a mãe — terei vinte e um anos e tu não o "apanhas" aquele meio milhão, nem sequer o usará para me comprares um casaco de peles! Porque esse será o fundo da minha casa para os doentes... ».

Por « combinação », o fruto de Maria Cristina amadureceu e caiu precisamente quando as primeiras raparigas entram na sua casa... É assim que, num último momento, às simples chaves na bandeja do Ofertório, nós — que acreditávamos ter pensado em tudo — juntámos aquele *primeiro fundo*. Mais uma vez o coração de Maria Cristina nos tinha precedido.

No dia da inauguração chamámos todos à Avenida Galileu, 12, não para uma importuna publicidade, não! Mas para que olhando à vossa volta, olhando-vos nos olhos, decifrando nos rostos tensos dos pais Ogier o prego de amor desta casa, pudessem sentir vocês também como nós, que no fim de contas a Caridade a recebemos todos nós: um dom divino de Esperança e de Fé!

LUCIA BAROCCHI

UM BREVE BALANÇO

Tinha conhecido Maria Cristina enquanto viveu e estive perto dela sem perceber o mistério da sua alma... e ainda hoje fico atônita diante do fascínio que emana desta figura de juvenzinha delicada.

É uma força misteriosa que enamora todas as pessoas que se aproximam de Maria Cristina ainda hoje, que já não está, pálida e sofredora, entre nós.

Precisamente por causa do fascínio que esta menina exercitou sobre mim, encontrei-me a seguir a sua obra, a bisbilhotar na grande massa de correspondência que começou a chegar desde o dia 8 de janeiro de 1974 solicitando os pais, e depois outras pessoas, a constituir a Fundação e a trabalhar para realizar o seu ideal.

A correspondência começou a chegar imediatamente e começou a aumentar à medida que foi sendo lida e difundida a breve biografia de Maria Cristina, que Mons. Setti escreveu de uma penada e com muita simplicidade imediatamente depois do seu desaparecimento... E são cartas que chegam de todas as partes de Itália e também do estrangeiro.

São cartas que valeria a pena transcrever porque contém palavras e testemunhos belíssimos sobre a força que tem o bem, e sobre a luz que irradia em cada coração, a provar que esta força e este bem não acabam com a vida.

E o que me tocou sempre em toda esta correspondência, e que ninguém escreve para falar dos próprios sofrimentos: todos, pelo contrário, estão animados do desejo de colaborar no bem, de dar o seu dinheiro ou seu tempo livre, para que as cruzes pessoais diminuam diante da vida desta menina e da consideração de como Ela viveu a sua cruz.

Nesta altura, por dever de gratidão para com todas as pessoas que, realmente, ajudaram com tanto amor a realizar a « Casa Maria Cristina » e a sustentar a Fundação em todas as outras obras em favor dos que sofrem, dos velhos e das missões, mas também como testemunho do misterioso coro de amor suscitado

por Maria Cristina, transcrevemos, seguros de agradecer a todos os amigos, os dados mais salientes do balanço da nossa Fundação.

Muitíssimas e generosas as ofertas que nos chegaram de tantos benfeitores, alguns dos quais meteram mãos à obra, mesmo pessoalmente, nas várias actividades, como os amigos Barocchi, Tonelli, Olivero, etc. Muitos os contributos dados pela nossa Comissão para a realização de diversas iniciativas, quer em favor da Misericórdia de Empoli para a Casa de repouso « Vincenzo Chiarugi », quer em favor do archi-hospital de Santa Maria Nova para construir o « Day Hospital »; grandes também as ofertas mandadas às Missões dos Capuchinhos na Amazônia, para o carburante do barco « Maria Cristina ».

Entre as tantas obras levadas a cabo, sobressai a inauguração da « Casa Maria Cristina » da Avenida Galileu, onde nos chegaram como presente mobílias, electrodomésticos, candelários, quadros, cobertores, roupa branca e toda a decoração da Capela, dons que completam este grande mosaico de caridade, tecido e bordado por Maria Cristina e pelos seus amigos a quem agradecemos afectuosamente. O que ficou em caixa é muito pouco, mas confiantes na divina providência e na vossa generosidade, guiados pela esperança e sustentados pela mão segura desta menina, pensamos prosseguir o caminho que Ela nos indicou e que Ela nos ilumina.

SILVANA DANTI

8 de Janeiro de 1977

UMA MENSAGEM DIVINA

Nas antigas lendas medievais lê-se frequentemente que na morte de alguns santos os sinos dobravam como em dia festa.

Também a nossa Toscana tem tradições como esta.

Em S. Gimignano, quando morreu Santa Fina, desabrocharam nas velhas torres as violetas características que têm o seu nome e que voltam pontualmente a florir no aniversário da sua morte. Esta pequena folha é como uma flor que por ocasião da morte de Maria Cristina se depõe no seu túmulo sempre cheio de tantas flores.

É a data desta morte que nos lembra a todos quanto desde aquele momento se libertou, como o dobrar dos sinos e o desabrochar das violetas nas poéticas lendas medievais.

Não é possível fazer um elenco frio de tanto bem que desabrochou com esta morte.

Da correspondência que chega de tantas partes do mundo e de tantos testemunhos de frutos espirituais...

Cheia de sol e de sorriso a « casa » está já aberta desde há um ano.

O seu livrinho chegou à 13ª edição e tem já uma tradução em francês.

Estão já em preparação outras iniciativas de generosidade, de que daremos conta no momento oportuno.

Para levar ao mundo a Sua Mensagem de amor, Deus fez-se criança e o homem nunca deixará de parar para pensar a reflectir e depois tornar a partir comovido para imitar o exemplo e viver a mensagem.

Não me parece exagerada considerar que, também através de Maria Cristina, Deus queira, mais uma vez, dirigir a cada um de nós a Sua Mensagem divina.

É o amor sobre o qual nunca reflectiremos suficientemente, é o amor sobre o qual nunca nos empenharemos com suficiente intensidade para viver.

Mons. GIANCARLO SETTI

UMA CASA PARA OS VELHOS

E tudo, no tempo, se realiza como Ela queria.

Estas palavras podem fechar uma mensagem deixada por Maria Cristina à mãe, no final daquele ano de 1973, quando pressentia a morte — tão perto que a tornava pronta ao sacrifício, tão oprimente que lhe deu por um instante a angústia do medo.

Depois, os braços da mãe estendidos para a acolher, para que no calor do amor se atenuasse o gelo da morte, recolheram também a mensagem que era um mandamento de caridade:

— Prossegue quanto eu desejo. Faz a casa para os jovens doentes, faz a casa para os velhos que precisam de encontrar o calor do ninho que os acolheu pequeninos. —

E a mãe transmitiu-nos, sorrindo no choro, o testamento da sua menina.

Pediu sem se cansar e recebeu com generosidade espontânea, constante.

Cristina na terra tinha pedido para os pobres, para os infelizes, para os handicapados, para os missionários. Cristina no Reino dos Bons pediu certamente aos Anjos que nos afervorassem, nos guiassem, que tornássemos possível o impossível.

A Casa para as Raparigas da Avenida Galileu Galilei nasceu por magia de amor, entre mil pequenas causas juntas na ordem da caridade.

Hoje, no meio de circunstâncias imprevistas, a mesma magia de amor está a realizar a Casa para os velhos profissionais.

Já temos tudo: faltam só « eles » que venham bater para encontrar o calor que conheceram quando crianças e cuja recordação quer dizer: casa, sorriso, mesa preparada com cuidado, jardins e cantos de passarinhos, um « bom dia » dito com alegria, uma « boa noite » que encha as suas almas de seriedade.

MARIA LAURA TONELLI

DIA A DIA COM MARIA CRISTINA

Sim, dia a dia com *ela*, eis-nos chegados ao terceiro balanço anual!

Fazemo-lo com simplicidade, sem medo de parecer exibicionistas, porque quando é do céu que são sustentandos e dirigidos os *fiões* das nossas empresas, vê-se bem que nós não somos senão *servos*, e *servos inúteis!*

Quando chego à « Casa de Maria Cristina », não só de nome mas de facto, porque vigiada amorosamente pelos pais Ogier como a de uma filha... *quando* me inclino para beijar a mais pequena da « família » (uma pequenina com tanta vontade de viver e de fazer, apesar da poliomielite que a atingiu desde o sétimo mês de vida e a prendeu a uma grelha de ferro), ou a mais atingida (uma cara de Fra Angelico com os olhos tornados mais azuis com um toque de *maquillage*, que cada manhã ela consegue fazer com a única mão que se move em todo um corpo imobilizado e espástico...) ou a mais silenciosa (ainda incrédula de ter finalmente encontrado uma casa *sua*, uma casa onde uma inválida não é um membro de peso, mas um membro precioso), *quando* abraço as Irmãs alegres e abertas, *quando* admiro as pessoas e os dons que lá chegam, *quando* lá oigo o eco da última canção ou do último disco (precisamente como dizia Maria Cristina: entre jovens também os doentes podem ao menos viver como jovens!), *quando* penso que bem depressa todas as camas serão ocupadas para sempre por uma « família » finalmente segura e calma... *então* assalta-me sempre a admiração de como possa florescer no mundo uma « pequena semente » que definhou e morreu... uma semente que em vida « fez tudo aquilo que podia » como servo inútil, e agora *comanda*, também ela, os seus *servos!*

E, dia a dia com esta *semente* que nos ensina tanto, desço as escadas que levam à Capelinha, aproximo-me do Dono da Casa (também Ele como que... « doente » entre nós, no Sacrário) e lhe digo que não há Patrão mais digno de ser servido, um Patrão como Ele que sabe juntar nos nossos corações o sofrimento à alegria, a consciência de Lhe sermos *inúteis* ao orgulho de sermos Seus *servos*, o medo de não Lhe chegarmos à paz de O termos já encontrado!

LUCIA BAROCCHI

UM CONVITE

Chegados a este ponto devemos dizer que nas nossas intenções este modesto dar contas anual se devia fechar com os escritos das verdadeiras protagonistas da Casa Maria Cristina: as Irmãs e as jovens que compõem a « família ».

Mas no momento de mandar para a tipografia convencemo-nos que os seus escritos — separados do calor do coração que os dita — seriam inadequados para lhes revelar completamente a medida da generosidade das « Irmãs Mínimas do Sagrado Coração » que dirigem a casa. Como seriam inadequados para que se dêem conta da paz que desceu sobre estas jovens tão sensíveis e gratas.

Por isso, não vemos que uma solução possível: melhor do que qualquer escrito que poderiam ler, venham conhecê-las, às pessoas e à casa. Elas falarão ao vosso coração mais do que qualquer folha impressa. Dareis, mas, credital, também recebeis.

Comissão Maria Cristina Ogier

Para informações ou solicitação de material, por favor escreva para:
ISTITUTO MARIA CRISTINA OGIER Via Benedetto Fortini n° 90 50125
Florença - ITÁLIA
institutomariacristinaogier@gmail.com
www.mariacristinaogier.com